

AZIZ AB'SABER E A GEOGRAFIA PRÓPRIA DO BRASIL, OU, O QUE HÁ EM COMUM ENTRE AS DESCOBERTAS DO GEÓGRAFO COM AS NARRATIVAS HISTÓRICAS DE POVOS INDÍGENAS DO ALTO RIO NEGRO?

Núbia Vieira Cardoso

Fundação Oswaldo Cruz

RESUMO

Este artigo examina a contribuição de Aziz Ab'Saber para a geografia brasileira, articulando sua trajetória pessoal, e de pesquisa, sobre os domínios morfoclimáticos, refúgios pleistocênicos e rotas paleoindígenas com a cosmologia dos povos indígenas do Alto Rio Negro, Noroeste Amazônico. A partir de uma abordagem interdisciplinar, Ab'Saber declarou que a ocupação do território brasileiro antecedeu a chegada dos colonizadores europeus, sendo marcada por deslocamentos humanos que moldaram a paisagem e influenciaram a biodiversidade. A língua tupi, amplamente difundida, e as narrativas dos povos do rio Negro, como Tuyuka e Dessana, sobre a chegada da futura humanidade ao território brasileiro, evidenciam uma territorialidade indígena que nomeou e deu significado às formas. Ao relacionar ciência e saberes tradicionais, este estudo sugere uma leitura crítica da geografia brasileira, destacando que a construção do espaço não se deu apenas pela ação colonial, mas também, pelo conhecimento e adaptação milenar das populações originárias. Assim, comprovando a hipótese inicialmente levantada, o estudo demonstrou como o pensamento de Ab'Saber permite reavaliar a história territorial do Brasil, registrando sua complexidade cultural e ambiental, e admitindo a geografia do Brasil não dissociada da geografia de seus povos originários.

Palavras-chave: Aziz Ab'Saber; geografia brasileira; território nacional; povos indígenas do Alto Rio Negro.

ABSTRACT

This article explores Aziz Ab'Saber's contribution to Brazilian geography, articulating his personal and research trajectory on morphoclimatic domains, Pleistocene refuges and paleoindigenous routes with the cosmology of the indigenous peoples of the Upper Rio Negro, in the Northwest Amazon. Using an interdisciplinary approach, Ab'Saber stated that the occupation of Brazilian territory preceded the arrival of European colonizers and was marked by human displacements that shaped the landscape and influenced biodiversity. The widely spoken Tupi language and the myths of the peoples of the Rio Negro, such as Tuyuka and Dessana, about the arrival of future humanity in Brazilian territory, evidence an indigenous territoriality that named and gave meaning to forms. By relating science and traditional knowledge, this study suggests a critical reading of Brazilian geography, highlighting that the construction of space was not only due to colonial action, but also to the knowledge and millennial adaptation of the original populations. Thus, proving the hypothesis initially raised, the study demonstrated how Ab'Saber's thinking allows us to reevaluate Brazil's territorial history, recording its cultural and environmental complexity, and admitting that Brazil's geography is not dissociated from the geography of its original peoples.

Key words: Aziz Ab'Saber; Brazilian geography; national territory; indigenous peoples of the Upper Rio Negro.

INTRODUÇÃO

A trajetória pessoal e intelectual de Aziz Ab'Saber reflete um olhar geográfico que integra ciência, história e cultura na compreensão do território brasileiro. Seu trabalho, desenvolvido em diferentes fases, abrange desde o estudo dos domínios morfoclimáticos até a análise dos refúgios pleistocênicos e sua relação com as rotas paleoindígenas do território nacional. O presente artigo teve por objetivo o mapeamento de artigos, a partir de um panorama que sistematizou as fases da vida e da produção de Aziz Ab'Saber, buscando comprovar a hipótese levantada, tanto da sua atualidade, quanto de sua qualidade, diga-se, genuinamente brasileira.

Esse estudo partiu da intuição de que o pensamento sistemático de Ab'Saber deve possibilitar uma releitura da geografia nacional, território esse, como pôde aqui ser afirmado, construído historicamente e profundamente baseado na presença indígena. E, ao pôr em diálogo ciência e as narrativas de povos indígenas, como o povo Tuyuka do Alto Rio Negro, o artigo reforça a necessidade de uma renovação do pensamento geográfico, incorporando uma perspectiva crítica da narrativa colonial da origem do Brasil. Uma vez identificada, no cruzamento entre as pesquisas de Ab'Saber e a história e cosmovisão dos povos originários, que a presença indígena, pretérita da colonização europeia, expandiu-se a partir do Noroeste Amazônico, deixando marcas expressivas na paisagem e servindo como referência para a posterior organização territorial do país.

O BRASIL E A GEOGRAFIA NO SÉCULO XX: NASCE O GEÓGRAFO AZIZ AB'SABER

O antropólogo palestino Edward Said, referindo sobre o processo de formação de sua identidade como imigrante árabe, relaciona que, junto com a linguagem, é a geografia aquilo que compõe suas primeiras lembranças (Said, 2004). Ab'Saber foi leitor da obra de Said, como também escreveu o artigo "(Re)aprendendo a enxergar o colonialismo" (Ab'Saber, 2005a). O interesse pelo *Orientalismo* desenvolvido pela obra de Said não se devia apenas à origem familiar comum, isso porque a ciência geográfica desenvolvida por Ab'Saber traçou um claro percurso cada vez mais aproximado da busca pela compreensão da diversidade social e cultural do Brasil. Não por acaso, em uma de suas entrevistas, relatou que, apesar da habilidade com as ciências da terra, foram as aulas de Antropologia Cultural, aquelas que mais gostou de assistir, especialmente as do curso oferecido pelo professor Emílio Wilhems, ocasião em que teve como colega e interlocutor o grande intelectual brasileiro, Florestan Fernandes. Por certo, as histórias do povo nômade Beduíno relatadas pelos ancestrais paternos do Líbano, os lugares do mundo percorridos por seu pai, o libanês e comerciante Nacib, a cultura caipira do sertão florestado onde nasceu Aziz Ab'Saber e origem de sua mãe, compreendem mundos culturais que entusiasmaram a curiosidade do menino Aziz, convertida em curiosidade científica quando aluno da USP nos anos 1940.

O curso de Geografia da USP, pensado a princípio pelos mestres franceses, procurava integrar as diferentes disciplinas tendo em vista um olhar geográfico ampliado para o país tropical.

Comentava Ab'Saber que, ao se ingressar no curso propriamente, a tudo isso se acrescentava: Antropologia Cultural, Etnografia e Tupi-guarani e, Elementos de Geologia, adentrando em conhecimentos da estrutura dos terrenos e idade das formações rochosas. (Ab'saber, 1994b).

A criação da USP, assim como do IBGE, fazem parte do contexto da virada da primeira metade do século XX, da chamada Era Vargas (1930-1945) quando houve uma investida na interiorização do controle de Estado. No avançar do século XX, a economia global pressionava os países periféricos à adesão definitiva à moderna sociedade capitalista, criando áreas permanentemente abertas à economia de mercado. Desta maneira, a Geografia nascente no Brasil estava subjugada aos interesses do controle geopolítico do Estado-nacional, e da conseqüente invenção de um *ethos* nacionalista, posto que a ideia de “Brasil” ainda se resumia, principalmente, à Zona Costeira.

A época em que Ab'Saber cursou a graduação foi marcante na história nacional, interiorizar a presença do Estado, o que significava avançar sob o “sertão”. Todo espaço desconhecido pelas instituições estatais e privadas, costumava ser nessa escala, conceituado como “sertão”. Avançar desde o litoral para o desconhecido culminava em choques com outras formas de sociedade, tanto de povos originários como também de povos caboclos. O caboclo, o grupo social e cultural resultado de um contato entre uma ordem indígena e outra nacional e, da *fricção interétnica* subjacente (Oliveira, 2000), diante do contexto da formação das populações dos sertões, ou, da fronteira étnica que estrutura a genealogia de grande parte das populações do interior do país, ao longo de tempos históricos.

O curso de Geografia abrangia assim, o tema dos contatos culturais e étnicos, a partir da interface com a Antropologia frente ao quadro histórico do Brasil naquele momento. Sob esse contato e suas conseqüências comentou Ab'Saber:

A escola antropológica de Chicago nos ensina uma coisa muito simples e que foi esquecida, sobretudo pelos governantes e pelos políticos brasileiros e sul-americanos: qualquer contato entre uma cultura tecnologicamente avançada, porém belicosa, com grupos indígenas que estão vivendo na ‘pré-história’ e que têm valores animológicos e sociológicos muito fortes, será sempre letal para o grupo menos tecnológico. Isto aconteceu ao longo dos séculos na Amazônia, nos Andes, na América Central e em outros lugares da nossa América (AB'SABER, 2005b, p.34-35, grifos do autor).

Diferencia então as sociedades por meio de um referencial caro ao pensamento geográfico: a técnica. Desta maneira, o que na citação acima é mencionado como povos vivendo a pré-história não se trata propriamente da negação da história destes povos, até porque a trajetória dos povos pré-existentes no atual território do Brasil foi tema de relevantes pesquisas de Ab'Saber, como adiante veremos. Trata, todavia de povos pré-capitalistas, afora da modernidade capitalista, e que com ela se chocam, ao longo da histórica invasão colonial, comumente orquestrada em escalas supra-nacionais. Perante a desigualdade entre as técnicas, nas situações coloniais ocorre uma subalternização daquelas sociedades não modernas, bem como a subalternização de povos advindos desta matriz de domínio técnico, caso de boa parte das populações dos sertões, mais tarde, habitantes também das periferias urbanas.

Mas, longe ainda dos sertões profundos do Brasil, era nos arredores da cidade de São Paulo que o jovem estudante de geografia lançava suas primeiras miradas geográficas. As experiências dos primeiros trabalhos de campo na cidade de São Paulo são fundamentais para a apreensão do “olhar geográfico” orientado pelos mestres franceses. Grande influenciador de Aziz, e de outros, o método de análise geomorfológica desenvolvido por Pierre Monbeig percebia o relevo integrado ao

espaço-total, considerando-o produto de uma complexa interação entre Cultura e Natureza ao longo dos tempos, o relevo deveria então ser lido como fator diretamente envolvido na distribuição antropológica e espacial das comunidades e da produção econômica (Vitte, 2011). Para Monbeig, a geomorfologia geográfica estava diretamente associada ao conceito de paisagem, entendida como sinônimo de complexo geográfico ao longo do tempo histórico.

A investigação da “história territorial” era, portanto, inerente ao método de observação e análise do relevo. Tendo em vista a importância do tempo histórico na abordagem de seu mestre, relatava Ab’Saber que Monbeig teria sido colega e grande amigo do historiador Fernand Paul Braudel (1902-1985), mantendo com ele uma permanente troca de ideias e conhecimentos:

[...] pensar os cenários de um setor qualquer do espaço geográfico, em épocas históricas diversas. Para tanto, mais tarde, tivemos que incorporar as brilhantes observações de Braudel sobre períodos de história longa e de história curta, envolvendo ciclos prolongados de rotina cumulativa e períodos rápidos de rupturas, envolvendo mudanças e destruições irreversíveis (Ab’Saber, 1994a, p. 75).

O rigor científico do geógrafo francês marcou a carreira de Aziz, quem ao ser repreendido por Monbeig transmutou o episódio em verdadeiro marco da própria concepção científica. Em um trabalho de campo, contava Aziz, após ter feito inúmeras análises a partir da observação da paisagem, ousou então o que chamou de pequeno avanço no terreno da teoria. Entusiasmado, apresentou as novas ideias ao professor Monbeig quem então o contestou. Escreveu Monbeig em um bilhete no ano de 1948: “Aziz, gostei do seu trabalho, porém aconselho-o a primeiro fazer análises para um dia chegar à teoria que você merece” (Ab’Saber, 2012). Fato inesquecível para o geógrafo iniciante. Depois disso mergulhou em uma série de pesquisas regionais para então chegar à “teoria que merecia”. Aziz não tomou apenas para si tal conselho, relatou tê-lo transmitido a Milton Santos, quando professor no estado da Bahia, em um encontro da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). Aziz relatou ao colega o que Monbeig dissera: para se chegar a uma teoria consistente era preciso antes passar por uma série de estudos regionais. Foi o que fez Milton Santos, elaborando os estudos *Zona do Cacau* (1955), *O centro da Cidade de Salvador* (1959) e *A Rede urbana do Recôncavo* (1959). Nos anos 1950, por via dos encontros da AGB, teve início a troca intelectual entre os mestres Aziz e Milton, perdurando por longos anos, razão de, como aponta a professora Maria Adélia de Souza, sem a determinação e apoio de Aziz, Milton Santos jamais teria sido professor titular na USP (Souza, 2013).

O geógrafo Aziz Ab’Saber “nasce” junto com o Brasil enquanto um território integralizado sob o ponto de vista de políticas de Estado, processo aprofundado e tornado irreversível no decorrer do século XX, sobretudo a partir dos anos 1940 do período pós-guerra. O advento tecnológico, a sistemática concessão de empréstimos aos países periféricos ao lado da imposição de um pacote de políticas para o desenvolvimento nacional por instituições financeiras como o Banco Mundial com sede nos EUA, caracterizam a nova face da colonização Brasil adentro, agora sob o mito do “moderno” moralizado pelo desejo de “progresso”. A este tipo de ação política, a que chamamos ação colonial, Ab’Saber costumava nomear como políticas “fora de escala”.

AZIZ AB'SABER LANÇA SEU OLHAR PARA O BRASIL

Recém-formado, Aziz se filiou à Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), com reuniões anuais em diferentes cidades do Brasil, reconhecia a importância da Associação para suas primeiras viagens, pois sempre aproveitava para fazer pesquisa de campo nos arredores.

Sua primeira expedição de campo ocorreu em 1946. Com ajuda da Fundação Brasil Central (FBC) viajou com outros colegas para Uberlândia (MG), e de lá seguiram de carona até a cidade de Aragarças (GO), localizada na margem direita do rio Araguaia. Do outro lado, - atravessando uma ponte - estava a pequena cidade de Barra do Garças (MT), recém fundada pela FBC. A viagem foi fundamental na carreira de Ab'Saber, pela primeira vez viu um domínio diferente daquele dos morros, onde havia vivido a infância. De repente, estava "olhando" o Brasil Central, seus chapadões intermináveis, cerrados e florestas de galeria. Na região em que Aziz observou as singularidades do Planalto Central, se encontrava o povo indígena da etnia Xavante em um emblemático processo de contato e aldeamento impulsionado pela interiorização através das ações da FBC do programa "Marcha para o Oeste". Instituído pelo presidente Getúlio Vargas, o Programa favoreceu a apropriação de imensas glebas territoriais pelo capital privado.

A partir dos conhecimentos apreendidos na viagem, Aziz elaborou junto ao colega Miguel Costa Júnior o artigo: *Contribuição para o estudo do sudoeste de Goiás*, publicado em 1950 nos anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB).

Outra viagem que marca o início da carreira de Aziz aconteceu pela AGB, à região Nordeste em 1952. De Campina Grande (PB), transponto o Planalto da Borborema, para a região de Patos (PB). Viu pela primeira vez uma serra seca. A partir da ponta dessa serra, Aziz reconheceu o "alto sertão", por ele classificado como baixo, ondulado, com caatingas extensivas, rios intermitentes e morros do tipo dos pães-de-açúcar, porém designados *inselbergs* pelos condicionantes semiáridos do seu entorno. Nesta ocasião compreendeu estar diante do terceiro domínio da natureza brasileira por ele avistado. Cada domínio era para Aziz uma descoberta profunda, durante muitos anos dedicou-se a entender até onde iam as depressões interplanálticas com montanhas e caatingas, solos de regiões secas, além da sociedade sertaneja projetada pelo "mundo da caatinga". Publicou um dos primeiros trabalhos sobre a região dos sertões nordestinos: "Depressões periféricas e depressões semiáridas no Nordeste do Brasil", publicado no ano de 1956 no Boletim Paulista e mais tarde, dentre outras produções, o artigo "Os sertões - a originalidade da terra", em 1985 na Revista *Ciência Hoje*.

À medida que o geógrafo olhava a biogeografia das regiões brasileiras, percebia a classificação por biomas como reducionista e estanque. Sua experiência no chão das grandes escalas e as trocas com aqueles que vivenciam estas naturezas o fazia notar a complexidade das formas de vegetação do Brasil. Partindo ainda do estudo do professor Aroldo de Azevedo: "Regiões Clímatobotânicas do Brasil", publicado no Boletim Paulista em 1950, desenvolveu o conceito de Domínios de Natureza, por meio da classificação de áreas nucleares, de modo a não escamotear as áreas de contato entre um e outro domínio que acabam por designar uma diferenciação:

Na primeira fase de minha carreira, procurei entender a compartimentalização topográfica do Brasil.[...] Meu objetivo era entender a topografia geral do país, pois os mapas daquele tempo nada diziam. [...] Em 1956, estabeleci um roteiro de estudo de geomorfologia. [...] Como geógrafo, eu tinha que ter olhos. E isso me foi ensinado, desde a primeira hora, pelos mestres

franceses. Portanto, procurei desenvolver essa percepção, pois sem isso é impossível ser geógrafo (Ab'Saber, 1992)

A produção científica de Aziz Ab'Saber é ricamente vasta, podendo ser dividida em três fases¹. A primeira compreendida entre os anos de 1948-1960, dedicados aos estudos de geomorfologia regional. Nesta fase o geógrafo se dedicou ao entendimento da compartimentação topográfica dos planaltos intertropicais brasileiros. É a fase em que Aziz dá início a uma série de viagens pelos domínios morfoclimáticos do Brasil, os conhecendo da maneira mais íntima que podia um cientista da sua natureza, Aziz olhava então o Brasil como espaço-total.

É referência desta fase, e do desenvolvimento da geomorfologia brasileira, a tese de doutoramento: "Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo", defendida em 1956 e orientada por Aroldo de Azevedo (1910 – 1974), tendo ainda como membro examinador da banca o geólogo Fernando Flávio Marques de Almeida (1916 – 2013).

As observações de campo que levaram à tese, foram feitas desde a chegada do jovem Aziz à cidade de São Paulo, relatava ele que foi principalmente o sistema radial dos bondes elétricos que então havia na capital paulista, o seu principal apoio. Aziz costumava ir até os pontos finais das diferentes linhas fazendo suas observações. Além disso, as sucessivas mudanças da família pela capital paulista, devido ao aumento do preço dos aluguéis, deram-lhe a oportunidade de estudar os arredores de cada bairro em que viveu. Tal a qualidade científica do trabalho, forneceu importantes subsídios para o projeto do metrô de São Paulo (Conti, 2013).

A obra marcou uma profunda transição e ao mesmo tempo uma reconstrução do modelo interpretativo do relevo brasileiro e de sua gênese, construindo uma espacialidade do relevo preocupada também com as questões históricas voltadas para a construção do espaço, a tese demonstrou como o relevo influenciou decisivamente a ocupação e a própria valorização imobiliária dos terrenos na metrópole (Vitte & Niemann, 2009).

Com esses estudos, Ab'Saber atendia as deficiências de um tempo em que a documentação aerofotográfica era incompleta e insuficiente. Neste período, percebia uma enorme produção da geomorfologia brasileira, fruto da expansão dos cursos de geografia no Brasil e do aumento da demanda ocasionado pela interiorização político-econômica no país.

GEOMORFOLOGIA, PALEOECOLOGIA E PALEOCLIMAS DO BRASIL

A segunda fase da produção científica tem como verdadeiro "divisor de águas" sua participação no XVIII Congresso Internacional de Geografia, realizado na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1956 e patrocinado pela União Geográfica Internacional (UGI). O cientista viu chegar ao aeroporto do Rio de Janeiro uma aeronave com geomorfologistas do mundo inteiro e das mais distintas correntes de pensamento. O grupo viajou para o Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira, região de Campinas e Salto, localizações bastante conhecidas por Aziz e por isso, indicadas aos colegas. A partir desta interação ocorreu uma importante mudança no olhar do geógrafo, antes adaptado a busca de picos para uma visão total da paisagem, nesta nova experiência, ao contrário da paisagem

¹ Esta divisão da produção científica de Aziz Ab'Saber foi feita pelo professor [Jacques Marcovitch](#) do IEA/USP em apresentação em conferência no Instituto de Estudos Avançados/USP em junho de 1990.

panorâmica, os barrancos tornam-se objeto do interesse geográfico. Embora contasse com um amplo entendimento dos grandes domínios de formas de relevo no sentido geométrico, não possuía a mesma habilidade para entender a estrutura superficial da paisagem.

Com o alargamento dos conhecimentos de campo, dedicou-se a compreender os modelos de contato entre as áreas nucleares dos domínios naturais do Brasil, inter e subtropical, atingindo-se assim a visualização mais objetiva da organização natural das paisagens e ecossistemas inter-tropicais e subtropicais. Esta fase foi marcada pelos estudos morfoclimáticos e biogeográficos entre diferentes domínios da natureza brasileira. As áreas de transição entre os domínios integrados da natureza brasileira foram assim reveladas à medida que sistematizadas suas riquezas particulares.

Esse é o momento em que será estruturada sob o ponto de vista da geomorfologia, a definição dos domínios morfoclimáticos do Brasil (Ab'Saber, 1967). E é também o início de uma busca tenaz por compreender a inter-relação entre os documentos superficiais (*Stone lines*) e a paisagem enquanto complexo geográfico.

Embora houvesse registro da presença de um horizonte subsuperficial de cascalhos enterados abaixo dos solos recentes nas mais diversas regiões do país há mais de um século foi o geomorfologista francês Jean Tricart (1920-2003) quem mais contribuiu para o entendimento das intrigantes linhas de pedras presentes nos barrancos vistos pela comitiva francesa (Ab'Saber, 1996, p. 53). Jean Tricart e o geólogo e paleontólogo André Cailleux escreveram posteriormente um trabalho associando aqueles documentos superficiais ao passado fisiográfico e climático do Brasil. Chegando a concluir que as linhas de pedra se tratava de chão pedregoso de áreas aparentadas com as caatingas, o que indicaria que as caatingas teriam estado presentes em áreas como do estado de São Paulo, e também do Nordeste do Brasil.

A partir do estímulo de Jean Tricart, mais tarde os estudos das *Stone lines* foram estendidos por Ab'Saber do Rio Grande do Sul até a Amazônia, sendo possível o desenho de um mapa de visualização das áreas que teriam tido chãos pedregosos mais freqüentes e que, portanto, com possibilidade de ter tido faixas de caatingas arbóreas ou com cactáceas estendidas por grandes áreas do território brasileiro sem que isso representasse uma presença totalizante da vegetação seca. A ideia era de que as regiões com muitas linhas de pedra próximas umas das outras já teriam tido uma fisionomia semelhante à do Nordeste seco atual.

A observação dos brejos presentes na atualidade da paisagem do Nordeste seco, verdadeiras ilhas úmidas, documentos da dialética que envolve os processos históricos da natureza, revelavam para Aziz a possibilidade de expansão e recuo de uma vegetação e outra em função das flutuações climáticas do período do quaternário. Naquele momento Aziz entendeu que os redutos de vegetação tropical possibilitaram que em outro período climático essa vegetação voltasse a se expandir. Todo conhecimento básico sobre o retorno da tropicalidade – pós-época das *Stone lines* – baseou-se nas considerações sobre a gênese dos depósitos de cobertura (Ab'Saber, 1996, p.50), desta maneira, Aziz desenvolveu uma teoria sobre a retomada da tropicalização, posterior ao fim do período seco. A teoria dos refúgios nasceu diretamente do desenvolvimento das pesquisas sobre as flutuações climáticas que responderam por mudanças radicais na disposição dos espaços ecológicos e bióticos (Ab'Saber, 1995).

Diante das conclusões dos estudos paleoclimáticos e paleoecológicos, Aziz os transmitiu ao zoologista Paulo Emílio Vanzolini (1924 - 2013) quem aplicou às pesquisas de especiação de fauna.

Ao contrário de outros estudos em zoologia, Paulo Vanzolini não limitava a pesquisa às espécies de forma isolada, por outro lado, avaliava sua distribuição geográfica, cabendo a este aspecto a interação com as descobertas de Ab'Saber (Hofling, 2013). Com o avançar dos estudos, compreendeu-se que à medida que se desintegrou o contínuo das florestas equatoriais e atlânticas, cada massa que restou por dez, doze mil anos, isoladas das demais, obteve um tempo diferencial da evolução e por isso houve acréscimos, e conseqüentemente, a subespeciação (Vanzolini & Williams, 1970). Em outras palavras, ficou constatado, por meio de estudos aplicados, a diferenciação de espécies animais e vegetais nos “refúgios”, durante o isolamento geográfico, o que resultou em um aumento de biodiversidade. A princípio Aziz chamou as “ilhas de tropicalidade” de “redutos”, mas com o desenvolvimento dos estudos zoogeográficos por Paulo Vanzolini, passou a relacionar os recortes totais de diferenciação do espaço do período do pleistoceno terminal, à noção de “refúgios”.

O cientista alemão Jürgen Haffer (1932 - 2010) também trabalhava na diferenciação da biota amazônica em função dos ciclos de tempo ao mesmo tempo em que Paulo Vanzolini realizou seus estudos. Publicou em 1969 o artigo “Spaciation in Amazonian Forest Birds” (Haffer, 1969) e, um ano depois, em 1970, Paulo Vanzolini e o colega do Museu de Zoologia de Harvard Ernest Williams, o estudo com mais de cem páginas: “South American anoles: the geographic differentiation and evolution of the *Anolis chrysolepis* species group (Sauria, Iguanidae)” (Vanzolini & Williams, 1970). Esses estudos forneceram a base para uma total reorientação no entendimento da biogeografia sul-americana e atingiu explicações mais consistentes para os padrões de distribuição da complexa biota neotropical (Ab'Saber, 1996).

A elevada biodiversidade encontrada na natureza tropical da América do Sul havia sido então explicada pela chamada “Teoria dos refúgios” que representa a continuidade dos estudos desenvolvidos desde Charles Darwin (1809-1882), enquanto na nova abordagem, são admitidos ciclos de tempo em relação ao desenvolvimento da natureza (re) tropical. As descobertas científicas das distintas áreas, muito provavelmente, corroboraram para que esses cientistas, de uma mesma geração, chegassem à complexidade daquilo que Ab'Saber referia como a “filosofia da história do mundo tropical”.

ROTAS PALEOINDÍGENAS E RETORNO DA TROPICALIDADE BRASILEIRA, OU, A ORIGEM TROPICAL E INDÍGENA DO BRASIL

A terceira fase da produção científica de Aziz apresenta um substancial interesse pela trajetória das comunidades humanas, a que chamou de rotas paleoindígenas. Na página que abre a tese de doutoramento de Aziz Ab'Saber no ano de 1956, uma epígrafe lembra de que “ideias e observações novas auxiliam a encontrar a verdade”.

A investigação dos chamados refúgios pleistocênicos, incluía tentar acompanhar a recomposição da tropicalidade ao longo dos últimos milênios, entre os espaços intertropicais sul-americanos, tema fundamental para a caracterização das heranças regionais da biodiversidade (Ab'Saber, 1992).

Ao final da década de 1980, incorporando cada vez mais conhecimentos interdisciplinares, Ab'Saber mergulhou no “terreno” da arqueologia, entrelaçando conhecimentos das condições paleoecológicas e paleoclimáticas do espaço-total do Brasil com estudos acerca da presença paleoindígena. Diante disso, não se limitou aos refúgios de natureza, havia de se decifrar a historicidade do paleoespaço, isto é, o trajeto das comunidades humanas.

Publicado em 1989 na Revista de Arqueologia da USP, o artigo “Páleo-climas quaternários e pré-história da América Tropical”, apresentou um mapa com os domínios de natureza do passado com as possíveis rotas de migrações peleoindígenas. Demonstrou o mapeamento dos refúgios, os locais onde foram estabelecidos em função das flutuações climáticas e bióticas, uma vez que as rotas levavam a espaços crescentemente adaptados ao bem-estar humano.

Em função das condições de clima e natureza, houve a fixação em alguns pontos, distritos que possibilitaram a elaboração cultural de grupos quase sedentários (Ab'Saber, 1989). Comentava o geógrafo, que a recomposição da tropicalidade teve repercussões marcantes na vida e no destino dos grupos sul-americanos. O retorno da tropicalidade, teria, portanto, coincido com a diáspora Tupi, bem como o desenvolvimento da linguagem destes povos explicando a grande quantidade de toponímias espalhadas pelo território brasileiro. Constatou o cientista nascido em Paraitinga, que os Tupi partindo de seus signos, nominaram a paisagem (re)tropical moderna - de norte a sul -, sendo, portanto, sua presença inegável:

Os grupos tupis que entraram, talvez há sete ou oito mil anos, pelo noroeste da Amazônia e foram descendo lentamente, pararam em torno do pantanal mato-grossense e depois transpuseram o planalto, chegando ao litoral. O interessante é que, com todas essas marchas, o grupo de língua tupi acabou por dar nomes a rios, serras, riachos, plantas e animais em uma área de sete milhões de quilômetros quadrados, que se estende da Amazônia até o Uruguai. É a coisa mais impressionante em termos de expansão de uma língua pré-histórica que aconteceu no mundo. Por exemplo, Ubatuba era o porto canoeiro dos tupis; Mantiqueira, quer dizer “mãe das águas”, águas que correm para o Vale do Paraíba, para o alto Rio Grande, para o interior de São Paulo. E eu fico pensando: na verdade, eles tinham o hábito de dar nomes significativos para fatos geográficos (Ab'Saber, 2012).

A expressão nas toponímias da presença Tupi resultou, portanto, das transformações físicas e bióticas das paisagens brasileiras, contexto da grande diáspora Tupi, e do conseqüente desenvolvimento linguístico e sociocultural dos povos. Todos esses, assuntos convergidos na obra de Aziz Ab'Saber.

O povo indígena Tuyuka, da família linguística Tukano Oriental do Baixo Rio Negro, no Noroeste amazônico, consideram os monumentos denominados pela arqueologia como sítios arqueológicos, como espaços de conhecimentos ancestrais das transformações da humanidade e do que então seria a chegada desses ancestrais ao território brasileiro. Na cosmologia Tuyuka, os sítios representam Casas de Transformação por onde a humanidade passou quando viajava no bojo da canoa-anaconda em sua mitológica e longa migração (Tuyuca; Valle, 2019).

Assim como para os Tuyuka, e outros povos do Rio Negro, a origem da chegada de uma população pioneira, ao que hoje é o território brasileiro, teria sido, portanto, por uma rota que levou ao Noroeste Amazônico, assim como identificado por Ab'Saber, (1995).

Outros povos do Rio Negro como os Desana também narram a origem do mundo por meio de uma viagem da “futura humanidade” por uma cobra-canoa, cuja origem a Amazônia colombiana:

A cabeça da cobra se parecia com a proa de uma canoa. Para eles, parecia uma grande canoa que se chama Pamurígahsiru, isto é, "Canoa da Futura Humanidade", ou "Canoa da Transformação" (Lana; Kehiri, 2019, p.28).

(...)

As primeiras malocas estão na beira do Lago de Leite, em cima da Maloca de Leite. As outras malocas estão localizadas no grande rio que é o rio de leite (Ahpikun mãan), outras estão nas costas do Brasil, no Rio Amazonas, no Rio Negro, no Rio Uapés e, por fim, no Rio Tiquié. De um certo ponto, baixaram outra vez, e continuaram subindo pelo Rio Uapés até a saída por terra em Ipanoré. [...] A Canoa da Transformação vinha debaixo da água, como submarino. As malocas também estão debaixo das águas. Tanto é que a humanidade veio como Waimahsã "Gente de Peixe". Chamamos hoje em dia Waimahsã aqueles que ficaram nessas malocas. Subindo mais acima, colocaram a maloca que se chama Diá mahillan wi "Maloca de Olhar Para Trás" (Lana, Kehiri, 2019, p. 30 – 31).

Desta forma, conforme a cosmologia dos Povos Indígenas do Alto Rio Negro, como dos povos Tukano, Dessana e Tuyuca, o Noroeste Amazônico é uma região por onde passou a canoa que transportou os antepassados de futuros humanos. Ao longo desse trajeto, estão as casas de referência histórica de passagem de futuros humanos, na forma de proto-humanos.

Embora, na década de 1980, ainda não se falasse em pensamento contra - colonial, Aziz Ab'Saber classificou sua abordagem sobre o paleoespaço brasileiro como um exercício de brasilidade. Este artigo ao analisar o entrecruzamento entre suas pesquisas e a cosmologia Tuyuka, sugere, portanto, uma perspectiva distinta sobre a origem do Brasil e, do povo brasileiro. Para os Tuyuka, o "mundo" não começou com a chegada dos colonizadores europeus, mas, com a chegada de ancestrais humanos pelo Noroeste Amazônico, marcando a ocupação e transformação do território. Esse desenvolvimento ocorreu em sintonia com as mudanças climáticas, que favoreceram a retomada do clima tropical predominantemente. Ab'Saber (1989, 1995) explicou que a evolução do ambiente físico estava intrinsecamente ligada ao desenvolvimento das sociedades humanas, refletida na linguagem e na ocupação de espaços mais adaptados ao bem-estar humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória intelectual de Aziz Ab'Saber reflete um olhar geográfico que integra ciência, história e cultura na compreensão do território brasileiro. Seu trabalho, desenvolvido em diferentes fases, abrange desde o estudo dos domínios morfoclimáticos até a análise dos refúgios pleistocênicos e a sua relação com as rotas paleoindígenas. Essas pesquisas demonstram que a ocupação do Brasil antecedeu a chegada dos europeus, sendo marcada por deslocamentos humanos que moldaram a paisagem e a biodiversidade. A abordagem de Aziz Ab'Saber possibilita uma releitura da geografia nacional não apenas como um espaço físico, mas como um território construído historicamente e, profundamente correlacionado à presença indígena.

Por fim, os cruzamentos entre a ciência de Ab'Saber e a história e cosmovisão dos povos indígenas do Alto Rio Negro, reforçam a necessidade da renovação do pensamento crítico na/da geografia brasileira. A presença indígena, comprovada como uma ocupação milenar, anterior à da narrativa colonial, tomada como referência de sua chegada pelo Noroeste Amazônico, tendo se espalhado pelo continente, é evidenciada pela distribuição da linguagem tupi, que nomeou a paisagem brasileira através das toponímias. Já a cosmologia Tuyuka, que descreve a jornada da

humanidade pela cobra-canoa da transformação, demonstra como a geografia do Brasil é também a geografia de seus povos originários.

Submetido em 26 de março de 2025.

Aceito para publicação em 1 de dezembro de 2025.

Referências

AB'SABER, A. N. Domínios morfoclimáticos e províncias fitogeográficas no Brasil. **Orientação**, São Paulo, n. 3, p. 45-48, 1967.

_____. Paleo-climas quaternários e pré-história da América Tropical. **Dédalo: Revista de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, pub. avulsa, 9-25, 1989.

_____. Entrevista com o Professor Aziz Nacib Ab'Saber. [Entrevista concedida a] Carmem Wein-grill e Vera Rita Costa. **Revista Ciência Hoje**, vol. 14, nº 9, jul.1992.

_____. Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo. **Estudos avançados**, São Paulo, SP, 8 (22), p.221-232, 1994a. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40141994000300024>>

_____. Redutos florestais, refúgios de fauna e refúgios de homens. **Revista de Arqueologia**, São Paulo. v.8, n. 2, p. 1-35, 1994b. DOI: <<https://doi.org/10.24885/sab.v8i2.649>>

_____. Paleoclima e paleoecologia da Amazônia brasileira: Estudo introdutório. *In*: Ab'Saber, A. N. **Amazônia: do discurso à práxis**. Edusp, São Paulo. p. 49-66, 1996.

_____. (Re) aprendendo a enxergar o colonialismo. *In*: CLEMESHA, A. (org.). **Edward Said: trabalho intelectual e crítica social**. São Paulo: Casa Amarela, 2005a.

_____. Refletindo sobre questões ambientais: Ecologia, psicologia e outras ciências. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 1-2, p. 19-34, 2005b. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000100003>>

_____. Aziz Ab'Saber. [Entrevista concedida a] Dráuzio Varella. Mar. de 2012. Disponível em:

<https://drauziovarella.uol.com.br/entrevistas-2/aziz-ab-saber-entrevista/>. Acesso em 3/12/2025.

CONTI, J. B. Depoimento sobre o professor Aziz Nacib Ab'Saber. *In*: SILVA, M. A.; RAMOS, I.; CORDEIRO, P. R. (Org.) **Caminhos de Ab'Saber**. Caminhos do Brasil. Salvador: EDUFBA, 2013.

HAFFER, J. Speciation in Amazonian Forest Birds: most species probably originated in forest refuges during dry climatic periods. **Science**, vol. 165, n. 3889, 1969. DOI: <<https://doi.org/10.1126/science.165.3889.131>>

HOFLING, E. Paulo Emílio Vanzolini: reconhecimento do cientista professor emérito do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. **Cadernos de História da Ciência**, v. 9, n.1, p. 13-37, 2013. DOI: <<https://doi.org/10.47692/cadhistcienc.2013.v9.34316>>

LANA, F. A.; KEHIRI, T. **Antes o mundo não existia: Mitologia Desana-Kéhiripõrã**. Rio de Janeiro: Dantes Ed, 2019.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo Editora UNESP, 2000.

SAID, E. **Fora do lugar: memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, M. A. A. O futuro da terra dos homens. Uma homenagem a Aziz Ab'Saber. IN: SILVA, M. A.; RAMOS, I., CORDEIRO, P. R. (Org.) **Caminhos de Ab'Saber**. Caminhos do Brasil. Salvador: EDUFBA, 2013.

TUYUKA, P. H. T., VALLE, R. B. M. ʘTÃ WORÍ – um diálogo entre conhecimento Tuyuka e arqueologia rupestre no baixo Rio Negro, Amazonas, Brasil. **Tellus**, v. 19, n. 39, p. 17-37, 2019. DOI: <<https://doi.org/10.20435/tellus.v19i39.576>>

VANZOLINI, P. E.; WILLIAMS, E. E. South American Anoles: the geographic differentiation and Evolution of the anolis chrysolepis species group (Sauria, Iguanidae). **Arquivos de Zoologia**, São Paulo, vol. 19, n. 3-4, p. 125 – 298, 1970. DOI: <<https://doi.org/10.11606/issn.2176-7793.v19i3-4p125-298>>

VITTE, A. C.; NIEMANN, R. S. Uma introdução à história da geomorfologia no Brasil: a contribuição de Aziz Nacib Ab'Saber. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v. 2, n. 1, p. 41–50, 2009. DOI: <<https://doi.org/10.26848/rbgf.v2i1.232629>>

VITTE, A. C. Breves considerações sobre o papel de Pierre Monbeig na formação do pensamento geomorfológico uspiano. **FAPESP**, N. 11, 2011.